

POR RICARDO JACOMASSI,

ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY PROJEÇÕES ECONÔMICAS

✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR



SÉRGIO BRITO

PIB DO BRASIL SE DESACELERA

Os efeitos da instabilidade dos mercados internacionais não deram trégua em setembro passado. Mesmo com todos os esforços lançados pelos governos das regiões mais afetadas por esses movimentos, os resultados não surgiram como se esperava e o clima de incerteza no cenário econômico mundial afetou negativamente as projeções de crescimento da economia brasileira.

Há menos de um trimestre para finalizar 2011, e já é consenso que a economia brasileira vai crescer menos do que o esperado. As projeções iniciais do PIB para 2011 foram revisadas e baixadas em 0,5% – ou seja, após os ajustes, o PIB esperado caiu de 4,0% para 3,5%. Da mesma forma, os números para 2012 sofreram revisões, com projeção de queda ainda maior: dos 4,5% previstos inicialmente, a taxa de expansão passou para 3,8%.

O setor em destaque, na ótica da oferta, foi o PIB de Serviços, que avançou 0,8%, com peso no PIB total de aproximadamente 67%. A indústria permaneceu estagnada, pois seu crescimento foi de 0,2%, e a agricultura declinou 0,1% em relação ao primeiro trimestre de 2011.

Na visão da demanda, ou seja, do consumo, observa-se aumento na economia como um todo. As despesas das famílias avançaram 1,0%, enquanto as do consumo

do governo foram de 1,2%. A formação bruta de capital fixo, isto é, o consumo das empresas, que pode ser traduzido em investimentos, expandiu-se 1,7%.

Assim, o descompasso entre a oferta da produção (suprimida) e a da demanda (expansiva) está sendo fechado através das importações, que avançaram 6,1% na comparação entre os dois trimestres de 2011.

As taxas de investimento e de poupança em relação ao PIB poderiam ter sido maiores, uma vez que o ambiente foi favorável, devido às condições de crescimento da renda, do emprego e do consumo, bem como aos grandes projetos de infraestrutura e à exploração petrolífera, entre outros fatores verificados no Brasil.

O PIB do segundo trimestre, entretanto, revelou que a taxa de investimento foi de apenas 17,8%, e a da poupança, de 18,1%. A elevação desses dois componentes deveria ser um exercício diário da sociedade brasileira e um compromisso do Estado em oferecer as condições básicas, como, por exemplo, combater a corrupção que assola o País e lhe tira a competitividade.

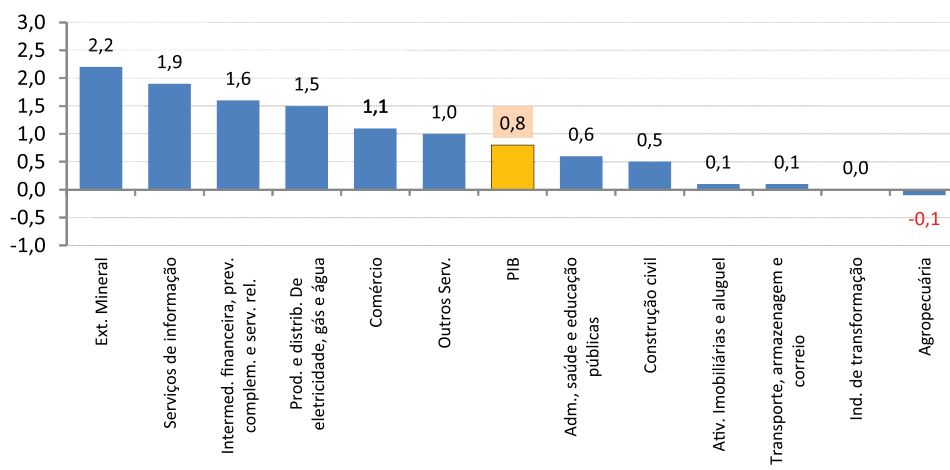
A dinâmica da atividade por subsetor, essencial para compreender seus desempenhos, apontou forte crescimento do PIB da Extração Mineral de 2,2%, seguido pelo PIB dos Serviços de Informação, de 1,9%, e do PIB do Mercado Financeiro, de 1,6%. No lado

inverso, o PIB da Agropecuária declinou 0,1%, e o da Indústria de Transformação foi nulo.

Observam-se, portanto, dois grupos distintos em relação à atividade econômica brasileira: o primeiro refere-se ao crescimento acima de 1,0%, como a atividade advinda do setor de *commodities*, comércio e serviços, e o segundo, à atividade com crescimento abaixo desse índice, como agricultura, indústria de transformação e transporte. No mais, o resultado mais interessante ficou por conta da atividade relacionada à construção civil, que decresceu sensivelmente. ■

Gráfico: PIB e subsetores (com ajuste sazonal)

Taxa (%) do trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior



Fonte: IBGE. Elaboração do autor